



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

JAQUELINE DAYANE DE LIRA

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES NO CONTEXTO
DO HIV/AIDS**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
NÚCLEO DE BIOLOGIA

JAQUELINE DAYANE DE LIRA

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES NO CONTEXTO
DO HIV/AIDS**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: MsC. José Leandro de Andrade Santos

Coorientador: Prof. Dr. Luiz Augustinho Menezes da Silva

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2019

Catálogo na fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE - Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Fernanda Bernardo Ferreira, CRB4-2165

L768p Lira, Jaqueline Dayane de
O papel da educação na percepção dos estudantes no contexto do HIV/AIDS.
/ Jaqueline Dayane de Lira. Vitória de Santo Antão, 2019.
47 folhas.

Orientador: José Leandro de Andrade Santos.
Coorientador: Luiz Augustinho Menezes da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco. CAV, Licenciatura
em Ciências Biológicas, 2019.
Inclui referências e apêndices.

1. Biologia- Estudo e Ensino. 2. Infecções Sexualmente Transmissíveis. 3.
HIV. 4. AIDS. 5. Adolescentes. I. Santos, José Leandro de Andrade (Orientador).
II. Silva, Luiz Augustinho Menezes da (Coorientador). III. Título.

571. 9 CDD (23.ed.)

BIBCAV/UFPE- 117/2019

JAQUELINE DAYANE DE LIRA

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES NO CONTEXTO
DO HIV/AIDS**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Aprovado em: 18/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

MsC. José Leandro de Andrade Santos
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Ricardo Ferreira das Neves
Universidade Federal de Pernambuco

MsC. Wellington de Almeida Oliveira
Mestrando do Programa de Pós Graduação em Nutrição, atividade física e
plasticidade fenotípica.

A todos os profissionais de Educação
que lutam pela valorização e melhoria
da educação no país.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu Deus pela dádiva da vida e por ele ter me permitido chegar até aqui. Por ter me abençoado e jamais ter me deixado desistir nos momentos de fraqueza e dúvida. Por ter me livrado de todo mal. Por me mostrar que sempre posso alcançar aquilo que almejo, desde que haja esforços. Por me mostrar que esforços nunca são em vão. Por ter me dado paciência e sabedoria em meio a situações de desespero, para superar os desafios;

À minha família que sempre esteve torcendo pelo meu sucesso. A minha mãe pela educação que me proporcionou, por nunca desistir de mim, apesar de todos os obstáculos que estiveram presentes no nosso caminho. Por sempre fazer o possível e impossível para investir na minha educação. Ao meu padrasto por sempre fazer de tudo por mim e me ajudar nessa jornada;

À minha Vó, Maria Lopes (*in memoriam*), uma mulher que sempre foi feita de amor. Que me ensinou a sempre ter fé, a amar a Deus, a espalhar amor por onde passasse, a amar e a nunca desistir. E que além de tudo, me ensinou uma das maiores grandezas: O PERDÃO;

Pelas amigas que conquistei na faculdade, as quais levarei cada um comigo pelo resto da minha vida. As brincadeiras, piadas e risadas jamais serão esquecidas. Onde vivemos 4 anos e meio de muita dedicação, brigas, choros e muita luta. Às três primeiras amigas e irmãs que conquistei na graduação: Ellen, Dhara e Rafaela que foram os melhores presentes que Deus poderia me dar;

A todos que tiveram paciência comigo, e aguentaram meus estresses e choros durante o tempo de construção desse trabalho;

Aos docentes que passaram por toda minha graduação, por todo aprendizado e incentivo construído durante esses anos; a UFPE e a todos os profissionais envolvidos na minha vida acadêmica;

Ao meu coorientador Prof. Dr Luiz Augustinho que participou da minha vida acadêmica do segundo período até aqui; por cada crítica construtiva que ouvi durante os anos que me ajudaram a crescer como futura professora. Por sempre me estimular a participar de congressos, o que me ajudou muito a terminar este trabalho;

Ao meu orientador amigo, primo e irmão Msc José Leandro por acreditar em mim e depositar sua confiança. Por sempre estar presente comigo nos momentos

importantes, que veio do ABC até aqui. Pelas dicas, pelos conselhos, pelas ajudas e pela construção desse trabalho comigo;

À Escola Madre Lucila Magalhães por abrir as portas e me permitir realizar esse trabalho; aos alunos por aceitarem participar da minha pesquisa e ao professor Jailson por disponibilizar suas aulas;

A todos que direta ou indiretamente contribuíram no meu percurso até aqui.

“O Senhor é a minha força e o meu
escudo;
Nele o meu coração confia, e dele
recebo ajuda.”
Salmos 28:7

RESUMO

Os adolescentes são considerados o público alvo para novas infecções sexualmente transmissíveis (IST) devido a diversos fatores, destacando-se entre eles a prática sexual precoce, sendo muitas vezes de forma desprotegida. A falta de informação é um fator que também deve ser levado em consideração, pois muitas vezes esses adolescentes não tem com quem esclarecer suas dúvidas, uma vez que não tem abertura de conversar com os pais ou o ambiente escolar não oferece espaço para isso. Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo avaliar o grau de conhecimento dos alunos de uma escola pública sobre o tema HIV/AIDS. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Madre Lucila Magalhães, no município de Vitória de Santo Antão. No total houve a participação de 38 alunos, todos do 3º ano do ensino médio, os quais inicialmente responderam a um questionário composto por 25 questões referentes a assuntos pessoais e relacionadas ao HIV/AIDS. O desenho metodológico foi composto por dois encontros. No primeiro encontro houve a explicação da pesquisa para os alunos e aplicação dos questionários. O segundo encontro serviu para sensibilizá-los acerca das IST, principalmente no contexto HIV/AIDS. Notou-se que, apesar de ainda existirem muitas dúvidas no cotidiano sobre questões envolvendo as IST, sobretudo o contexto HIV/AIDS, os adolescentes apresentaram um conhecimento satisfatório em relação ao tema. Porém, se tem um déficit muito grande na falta de diálogo entre os pais e filhos no ambiente familiar. A proposta de ações no ambiente escolar é bastante satisfatória, uma vez que ajuda na sensibilização dos adolescentes para mudanças de comportamento. Debater em sala de aula sobre modos de prevenção, transmissão e tratamento do HIV/AIDS com os alunos é necessário, pois a partir disso pode-se contribuir para a redução dos riscos de contaminação dos adolescentes pelo HIV/AIDS.

Palavras-chave: Adolescente. HIV/AIDS. Educação. IST.

ABSTRACT

Adolescents are exposed to to public for new transmissible sexually transmitted infections (STIs) for a number of factors, highlighting early sexual practices, often unprotected. The lack of information is a factor that must also be taken into account, since these adolescents often have no one to answer their doubts, since they haven't the opportunity to talk to their parents or the school environment doesn't offer space for this. Thus, the present study had as objective to evaluate the degree of knowledge of the students of a public school on the subject HIV/AIDS. The research was carried out at the Madre Lucila Magalhães State School, in the city of Vitória de Santo Antão. In total, there were 38 students, all from the 3rd year of high school, who initially answered a questionnaire composed of 25 questions related to personal and HIV/AIDS related issues. The methodological design consisted of two meetings. In the first meeting there was an explanation of the research for the students and application of the questionnaires. The second meeting served to sensitize them to STIs, especially in the context of HIV/AIDS. It was noticed that, although there are still many daily doubts about STI issues, especially the HIV/AIDS context, the adolescents presented a satisfactory knowledge regarding the subject. However, there is a very large deficit in the lack of dialogue between parents and children in the family environment. The proposal of actions in the school environment is quite satisfactory, since it helps in the sensitization of the adolescents to changes of behavior. Discussing HIV/AIDS prevention, transmission and treatment with students in the classroom is necessary because it can help reduce the risk of teenage contamination.

Keywords: Adolescent. HIV/AIDS. Education. IST.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	–	do inglês, <i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
ECA	–	Estatuto da Criança e do Adolescente
IDEB	–	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IST	–	Infecções Sexualmente Transmissíveis
HIV	–	Vírus da Imunodeficiência Humana
OMS	–	Organização Mundial de Saúde
PCNs	–	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	–	Plano Nacional do Livro Didático
SAE	–	Serviço de Atendimento Especializado
TARV	–	Terapia Antirretroviral
UNAIDS	–	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS
UNICEF	–	Fundação das Nações Unidas pela Infância

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ações Didáticas na Escola.	26
Gráfico 1 – Informações sobre a vida sexual dos adolescentes.	27
Gráfico 2 – Vias de Contaminação.	28
Gráfico 3 – Via de Transmissão Vertical.	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 HIV/AIDS: um breve contexto histórico	15
2.2 O contexto do HIV/AIDS na adolescência	16
2.3 PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	18
2.4 HIV/AIDS na escola.....	19
3 OBJETIVOS	21
3.1 Objetivo Geral	21
3.2 Objetivos Específicos	21
4 METODOLOGIA.....	22
4.1 Desenho Metodológico.....	22
4.2 Local de Pesquisa	22
4.3 População de Estudo	22
4.4 Coleta de Dados.....	23
4.5 Intervenções.....	23
4.5.1 Etapa 1: Apresentação do Projeto aos alunos.....	23
4.5.2 Etapa 2: Aplicação do questionário.....	23
4.5.3 Etapa 3: Apresentação de Vídeo	23
4.5.4 Etapa 4: Apresentação de resultados e momento de esclarecer as dúvidas deixadas pelos alunos.	24
4.5.5 Análises dos Dados	24
5 RESULTADOS	26
5.1 Informações Pessoais dos alunos.....	27
5.2 Conhecimentos Gerais sobre HIV/AIDS.....	28
6 DISCUSSÃO	31
7 Considerações Finais	36
REFERÊNCIAS.....	37

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para diretor da escola.	42
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	43

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um momento marcado por diversas mudanças na vida de um indivíduo, sendo essas mudanças tanto corporais quanto psicológicas. É nessa fase que começam a surgir a insegurança, a incerteza e todas as dúvidas sobre a vida sexual (HOCKENBERRY *et al.*, 2006). Segundo Camargo e Botelho (2007), os adolescentes são vistos como público alvo para a educação voltada a saúde, uma vez que eles estão na etapa de aprendizado, e é nessa fase de vida que eles começam a desenvolver seus comportamentos sexuais.

Existe uma grande preocupação com os adolescentes, pois eles estão iniciando a vida sexual cada vez mais precoce e sendo na maioria das vezes de forma desprotegida, o que causa uma inquietação devido à grande vulnerabilidade as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (TAQUETTE; VILHENA; PAULA, 2004). Apesar de estarmos em pleno século XXI, alguns pais ainda sentem dificuldade em conversar com os filhos sobre sexualidade ou outros temas, assim também como muitas escolas não apresentam projetos voltados a Educação Sexual. Essa falta de conhecimento acaba levando os adolescentes a acreditarem em muitos mitos, informações erradas, uma vez que ao invés de buscarem conversas a respeito dentro da família ou com pessoas capacitadas, o assunto torna-se pauta entre os próprios amigos. Desse modo, ficando eles ainda mais vulneráveis a IST, além de correr o risco de uma gravidez precoce, por falta de informações corretas, de qualidade (SENEM *et al.*, 2014).

A infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) representa uma grande ameaça à saúde pública. Segundo Wu (2003), apesar de existir diversos meios de infecção do vírus HIV, a principal transmissão se dá pela relação sexual desprotegida, e as pessoas infectadas provavelmente contraem o vírus na adolescência. O vírus é uma das IST mais conhecida e de maior preocupação da saúde pública, onde apesar de amplamente estudada, os dados acerca da epidemia crescem cada vez mais, acarretando num grande problema social. O modo como o HIV/AIDS afeta os pacientes e o grande poder de letalidade da doença acaba atingindo não só as pessoas afetadas, mas também todo o conjunto social no qual ela está englobada (DISCACCIATI; VILAÇA, 2001).

A partir do estigma sofrido pelos indivíduos portadores do vírus, um dos grandes medos dos indivíduos HIV positivos é o preconceito, uma vez que são taxados de “diferentes” ou “inferiores (SMITH; MACKIE, 2000). Apesar de existirem muitas informações sobre HIV/AIDS, a população ainda apresenta um grande receio quando se trata de uma pessoa portadora do vírus HIV. Estudos apontam que por se tratar da AIDS, ainda existe um déficit muito grande de conhecimento na população em geral sobre os modos de transmissão do vírus, o que pode acarretar preconceito e condutas inadequadas (SEIDL; RIBEIRO; GALINKIN, 2010).

Diante de estudos e relatos sobre como o tema HIV/AIDS é abordado na sala de aula, bem como atitudes de preconceito e conseqüentemente, desrespeito as pessoas portadoras do HIV/AIDS, o presente trabalho tem como objetivo avaliar o grau de conhecimento dos alunos de uma escola pública sobre o tema HIV/AIDS, e realizar intervenções com a finalidade de promover informações de qualidade acerca do tema abordado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HIV/AIDS: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, também conhecida como AIDS (do inglês, *Acquired Immunodeficiency Syndrome*) é causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, o qual possui tropismo pelo sistema imunológico, responsável pela defesa do organismo (CROZETA *et al.*, 2011). É uma síndrome de caráter lento e progressivo, caracterizada pela depleção do sistema imune, tornando os indivíduos susceptíveis a infecções oportunistas e alguns tipos de neoplasias, que podem vir, quando não tratados, levar o indivíduo acometido a óbito (DERESZ *et al.*, 2007).

De acordo com Souza (2008) a epidemia da AIDS surgiu na década de 80, causando uma grande preocupação e preconceito entre as pessoas da época, que antes viviam em um liberalismo sexual e passaram a viver no conservadorismo para evitar contaminações. Com isso, a AIDS passou a ser considerada a doença da época, designada por termos como “doença dos gays” e “castigo divino”, devido ao estilo de vida levado por estes indivíduos. Assim, surgiram os julgamentos que acabaram causando vários sentimentos de preocupação para a sociedade, como relatado a seguir:

Com o surgimento da AIDS, vieram á tona para os indivíduos e para as sociedades contemporâneas problemas vitais, que provocaram espanto, dor, desesperança, culpa e, sobretudo, reflexão e inquietação. (Matinez, 1998, p.25)

Nos anos 80, nos Estados Unidos da América (EUA), foram relatados os primeiros casos da então desconhecida síndrome. Pelo fato de cinco indivíduos, todos homossexuais, apresentarem em comum um quadro de imunossupressão, estarem infectados pelo mesmo agente infeccioso, o *Pneumocystis carinii*, e desenvolverem uma neoplasia denominada Sarcoma de Kaposi. Posteriormente no ano de 1982, este conjunto de doenças foi então denominado AIDS. Em seguida, surgiram relatos de usuários de drogas injetáveis (heroinomânos), haitianos, hemofílicos e profissionais do sexo (*hookers*) infectados, eliminando assim os homossexuais como única forma de infecção, sendo então nominada como a doença dos 5Hs (VERONEI; FOCCACIA, 1997; PEREIRA *et al.*, 2011). Com o passar do tempo, o vírus foi ficando cada vez mais presente na sociedade, e não apenas em pessoas consideradas em grupos de risco, passando a estar presente

também em heterossexuais e até mesmo crianças, onde se viu que a vulnerabilidade ao vírus independia da situação de risco social em que as pessoas viviam (ALBUQUERQUE *et al.*, 2005; PEREIRA *et al.*, 2011).

Logo após o surgimento do HIV/AIDS acreditava-se que a sua cura iria ser descoberta rapidamente, porém depois de vários anos percebeu-se que o vírus sofreu modificações e se espalhou entre a população (PEREIRA *et al.*, 2011). Apesar dos estudos hoje estarem bem avançados, ainda não se tem uma cura para a AIDS. Porém, com todo conhecimento que se tem sobre o vírus foi possível desenvolver a terapia antirretroviral (TARV), a qual possibilita um melhor prognóstico e qualidade de vida dos pacientes infectados com HIV (MENDES *et al.*, 2006). No Brasil, os pacientes infectados possuem acesso à TARV de forma gratuita, através do Sistema Único de Saúde (SUS), além de serem acompanhados pelo serviço de DST/AIDS, o que torna o país uma referência no tratamento da AIDS (SOUZA, 2008).

Atualmente se tem conhecimento de que qualquer pessoa pode estar exposta e se infectar com o vírus HIV, não havendo mais o estigma tão pronunciado sofrido pelos grupos de risco no início da epidemia da AIDS. Assim aliados, informação e prevenção constituem as principais armas contra os casos de novas infecções pelo vírus, bem como a utilização adequada da terapia propicia aos indivíduos acometidos uma maior sobrevida (BRASIL, 2011).

2.2 O CONTEXTO DO HIV/AIDS NA ADOLESCÊNCIA

Atualmente as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) vem se mostrando cada vez mais presentes entre os adolescentes e, dentre elas, a AIDS apresenta um maior destaque, se fazendo necessária a presença de diálogos entre as diversas áreas de conhecimento, sendo o campo das políticas públicas para adolescentes o que chama mais atenção (DOURADO, 2008). Essa importância se dá uma vez que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), os adolescentes entre 15 a 24 anos apresentam um índice de infecção pelo HIV muito alto, o que causa grande preocupação.

Dourado (2008), apontam que esse índice elevado indica a situação precária que se encontra o Brasil e o mundo em relação a contaminação do HIV/AIDS, sendo

levado em consideração que os adolescentes devem ser prioritários no debate sobre políticas públicas de saúde e educação.

Os adolescentes apresentam maiores chances de adquirir infecções, uma vez que estão iniciando a vida sexual e com isso se tem diversos fatores, dentre eles, a falta de informação, a tendência de ter um maior número de parceiros (as) e também de terem relações sexuais sem proteção (MOREIRA, 2002). Segundo Camargo & Botelho (2007), a informação sobre a transmissão do HIV/AIDS tem grande importância, já que orientam os comportamentos dos adolescentes nessa fase de vulnerabilidade, promovendo assim uma educação sexual positiva.

É preciso que os próprios jovens reconheçam o significado e a importância da prevenção em suas vidas, sendo este reconhecimento a mola propulsora para o protagonismo juvenil da epidemia do HIV/Aids. (UNESCO, UNAIDS, 2002, p. 16).

De acordo com a Fundação das Nações Unidas pela Infância (UNICEF), entre os anos de 2004 e 2015 houve um aumento de 53% nos casos de adolescentes entre 15 e 19 anos infectados com HIV/AIDS, sendo o público feminino mais afetado, como relata a UNICEF:

Cerca de 1,2 milhões de pessoas de 15 a 19 anos viviam com o HIV em 2017 – desses, três de cada cinco são meninas. No ano passado, 130 mil crianças e adolescentes com menos de 19 anos morreram em decorrência da aids, enquanto 430 mil – quase 50 por hora – foram infectados. (UNICEF, 2018).

O HIV/AIDS apresenta uma transmissão que envolve aspectos culturais, afetivos e comportamentais, e essas diferenças sociais devem ser levadas em consideração, pois é de extrema importância para uma intervenção de prevenção com eficácia (CAMARGO; BERTOLDO, 2006). Segundo Moreira (2002), deve ser levado em consideração a falta de conhecimento dos adolescentes com o uso do preservativo, onde muitos deles alegam não saber usar da forma correta, reclamam da falta de conforto, da insegurança e da dificuldade em obter o preservativo. De modo geral, é fato que alguns aspectos aumentam a vulnerabilidade dos adolescentes ao HIV, dentre eles temos: a classe social, o cuidado com a saúde, a exploração sexual, a violência, a ausência dos pais, a falha no sistema educacional, dentre outros (CAMARGO; BOTELHO, 2007).

2.3 PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO SEXUAL

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência se inicia aos 12 anos e vai até os 18 anos de idade. Essa fase é um momento em que os indivíduos começam, de acordo com os princípios, a ser responsáveis pelos seus atos. Logo, esses adolescentes passam de uma fase para outra de maneira muito rápida, e tudo isso acaba provocando diversos pensamentos, dúvidas e insegurança em todos os âmbitos, mas principalmente sexual (CAMARGO; FERRARI, 2009). Sabe-se que muitos pais sentem dificuldade em observar essa mudança de fase dos adolescentes. A observação dos pais nesse momento é fundamental para que haja a oportunidade de diálogos no ambiente familiar, uma vez que o mesmo ajuda no desenvolvimento sexual dos indivíduos (ALMEIDA, *et al.*, 2008).

No ambiente familiar em diversos momentos a convivência passa a ser complicada, porque começam a existir conflitos entre os membros, por vários fatores. O que aconselha-se nessa fase de vida é que os pais tentem se adequar a geração dos adolescentes, de modo com que possam entender melhor o “mundo” deles e com isso possibilitar conversas claras e francas, além de fortalecer as relações entre os mesmos (ALMEIDA; CENTA, 2009; CAMPOS *et al.*, 2013).

A sexualidade ainda é considerada um tabu em meio a sociedade. Em algumas famílias esse assunto não é pauta de discussão cotidiana, o que acaba levando o adolescente a procurar informações em outros locais, que muitas vezes não estão corretas. Quando o adolescente inicia sua vida sexual precoce e sem informações, ele acaba se tornando mais vulnerável a contaminação com as IST, uma vez que ela é acompanhada da falta do uso do preservativo (DIAS *et al.*, 2010; KRABBE *et al.*, 2016).

Diante disso, o ambiente familiar deveria ser o local em que acontece de fato o debate sobre sexualidade e sobre as IST; porém muitas vezes existe uma dificuldade e um bloqueio dos pais. Essa dificuldade que os pais carregam consigo em dialogar sobre o tema com os filhos, muitas vezes está atrelado a alguns aspectos, como religiosos e culturais, o que explica como os integrantes da família estabelecem relações um com o outro (BARREIRA *et al.*, 2015). Esses pais também podem se sentir constrangidos e inseguros para esclarecer as dúvidas frequentes dos adolescentes, onde muitas vezes pode não existir preparo e conhecimento

sobre o assunto, existindo assim a impossibilidade de guiar e acompanhar a vida dos filhos nessa fase (QUEIRÓS *et al.*, 2016).

É cada vez mais nítida e necessária a participação ativa dos pais na vida dos adolescentes, uma vez que os mesmos são responsáveis por ensinarem seus filhos a tomarem decisões de caráter protetor fora do ambiente familiar. O diálogo e a educação sexual impedem que esses indivíduos cometam alguns erros e conseqüentemente carreguem consigo algumas conseqüências como, a contaminação IST ou até mesmo uma gravidez indesejada. Por fim, essa falta de informação acaba conduzindo os adolescentes para essa zona de risco, podendo desenvolver vários prejuízos que irão carregar por toda vida (VONK; BONAN; SILVA, 2013; CRUZ, 2015; GONÇALVEZ *et al.*, 2016).

2.4 HIV/AIDS NA ESCOLA

O Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) traz algumas sugestões de como abordar o tema HIV/AIDS na sala de aula, com o intuito de garantir o aprendizado dos alunos. Segundo Agleton (2000, p.121), a escola é o local chave responsável pelo aprendizado dos alunos, logo, ela também traz consigo a responsabilidade de abordar o tema HIV/AIDS, porém, nem sempre isso acontece. Existem algumas formas de se abordar o tema, onde os alunos são estimulados a pensar, e com isso possibilitando uma discussão na sala de aula, como relatado a seguir:

Reconhecem-se, portanto, como intervenções mais eficazes na prevenção da AIDS, as ações educativas continuadas, que oferecem possibilidades de elaboração das informações recebidas e de discussão dos obstáculos emocionais e culturais que impedem a adoção de condutas preventivas. Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola constitui-se em local privilegiado para a abordagem da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, não podendo se omitir diante da relevância dessas questões. (BRASIL, 1998, p.293)

A abordagem da educação sexual na sala de aula é fundamental, pois gera uma melhoria na saúde sexual dos adolescentes (DEMARIA *et al.*, 2009). De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), seguindo a ideia do quanto é importante a interação dos alunos e professores, pode-se dizer que:

A escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade. (BRASIL, 1998, p. 296).

Falar sobre HIV/AIDS no ambiente escolar deveria ser um tema trabalhado com bastante atenção e cuidado, porém muitas vezes ele é tratado apenas como um subtema, onde os professores abordam de maneira superficial, apenas para cumprir com a programação da unidade. Para falar sobre o tema é preciso bastante estudo, recursos e tempo, e por esse motivo sexualidade poderia ser como uma disciplina específica, como relatado a seguir:

A educação sexual em geral ou a prevenção de AIDS em particular poderiam teoricamente constituir uma disciplina específica, com um professor próprio, tempo curricular preciso, material didático correspondente [...] (WILDE, 2000, p.147).

Como escola carrega consigo uma grande responsabilidade de educar os alunos, o espaço escolar pode e deve ser transformado em um local de quebra de mitos e mudanças de ideias errôneas, concordando com os PCNs “a escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade [...]”(BRASIL, 1998, p. 302).. O preconceito e o discernimento são uns dos fatores que acabam gerando fragilidade a uma pessoa portadora do HIV, o que acaba levando o afastamento dessa pessoa da sociedade, devido as críticas recebidas. Tudo isso pode ser evitado e amenizado, uma vez que o ambiente escolar pode formar cidadãos conscientes e capacitados a entender o histórico do HIV/AIDS, e com isso evitar o preconceito que ainda vivenciamos nos dias de hoje (BRASIL, 1998).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar o grau de conhecimento dos alunos de uma escola pública sobre o tema HIV/AIDS.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as principais dificuldades dos alunos em relação a falta de informação de HIV/AIDS;
- Esclarecer as dúvidas dos alunos frente ao contexto HIV/AIDS;
- Mostrar os diversos meios de contaminação do HIV;
- Sensibilizar os adolescentes sobre a prática sexual segura;
- Demonstrar quanto a importância da família e da escola no contexto das IST.

4 METODOLOGIA

4.1 DESENHO METODOLÓGICO

Foi realizada uma visita à escola, com o intuito de apresentar o presente projeto para a gestão escolar, onde foi apresentado um documento constando todas as informações da pesquisa, juntamente com a solicitação prévia para sua efetuação. O contato com a gestão foi de extrema importância, uma vez que foi explicado todo método que será utilizado, além de deixar esclarecido que os alunos poderiam se negar a participar da pesquisa, bem como que haveria total anonimato daqueles que participaram. Em seguida foi solicitado que o responsável da escola assinasse o documento autorizando a aplicação dos questionários para os alunos (APÊNDICE A).

4.2 LOCAL DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Escola estadual Madre Lucila Magalhães, localizada na Rua 3 S/N, no bairro de Redenção, no município de Vitória de Santo Antão-PE.

De acordo com os dados presentes no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), a escola além do Ensino Médio também tem o programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola é composta por 22 docentes e 1 tradutor interprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), apresentando um total de 38 funcionários. Possui 12 salas, biblioteca, cozinha, quadra, auditório, sala de informática, acesso à internet, além de alguns aparelhos multimídia que auxiliam no processo de aprendizado dos alunos.

Ainda segundo o IDEB, no ano de 2017 a escola alcançou um resultado de 3,8, ultrapassando a projeção da meta a nível estadual.

4.3 POPULAÇÃO DE ESTUDO

Foram escolhidas duas turmas do 3º ano do ensino médio. Levando em consideração que os alunos do 3º ano do ensino médio, no geral, estão na fase da adolescência e apresentam faixa etária entre 17 e 20 anos, é considerado que eles estão numa fase vulnerável a contaminação por IST, uma vez que muitos deles estão iniciando a vida sexual. Os alunos ficaram livres para escolher participar da

pesquisa ou não, porém nenhum aluno se negou participar, sendo nossa população de estudo constituída por 38 alunos.

4.4 COLETA DE DADOS

Para coleta de dados foi aplicado um questionário (APENDICE B), sendo garantido o total anonimato, confidencialidade e proteção dos dados dos alunos. O questionário foi composto por 25 questões, as quais abordaram: 1) Informações pessoais do aluno, tais como, sexo, idade, relação dos pais com o aluno, vida sexual, interação da escola com os alunos sobre sexualidade, prevenção; 2) Conhecimentos gerais sobre HIV/AIDS, formas de contaminação, condutas preventivas, exame e tratamento. O questionário teve a finalidade de avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema HIV/AIDS.

Todos os encontros aconteceram durante o horário de aula dos alunos, mais especificamente durante a aula de Biologia. A pesquisa foi dividida em 2 encontros, que foram compostos por intervenções educacionais.

4.5 INTERVENÇÕES

4.5.1 Etapa 1: Apresentação do Projeto aos alunos

No primeiro contato com os alunos foi exposto o modelo de pesquisa, informando os objetivos do trabalho e a solicitação da participação voluntária dos mesmos. Além disso, foi reforçado que é garantido total anonimato e que os dados serão totalmente protegidos. Dos alunos participantes, dois possuíam deficiência auditiva, sendo solicitada a presença do intérprete de libras da própria escola para que estes pudessem ser incluídos no projeto.

4.5.2 Etapa 2: Aplicação do questionário

Após o diálogo inicial, foi realizada a distribuição dos questionários, onde foi explicado como responder ao mesmo. Logo após responder o questionário, os alunos dobraram sua folha e colocaram em uma caixa preta que estava sobre a mesa do professor, sendo esta utilizada com o intuito de reforçar a ideia de que os dados apresentados no questionário tinham total anonimato.

4.5.3 Etapa 3: Apresentação de Vídeo

Foi apresentado um vídeo da série “Malhação” (<https://www.youtube.com/watch?v=UsJTQKpvfak>), o qual se trata de um casal de adolescentes, onde o rapaz é portador do vírus HIV. Foi escolhido esse vídeo por se tratar de uma série voltada para adolescentes, estimulando uma maior identificação dos alunos à problemática apresentada. O vídeo foi exibido logo após a aplicação do questionário, pois a intenção era que os adolescentes refletissem sobre as questões que eles responderam anteriormente, e a partir disso foi aberta uma roda de diálogo sobre contaminação, prevenção e tratamento do HIV/AIDS. Após o diálogo, foram distribuídos papéis para os adolescentes escreverem quaisquer outras dúvidas que eles tinham sobre o tema, e logo após cada um dobrou o papel e mais uma vez colocaram na caixa disponibilizada. Esse método foi utilizado porque muitos adolescentes são receosos em fazer perguntas na sala de aula, por vergonha ou medo. Desse modo, isso facilitou para que todas as dúvidas fossem esclarecidas no decorrer das intervenções.

4.5.4 Etapa 4: Apresentação de resultados e momento de esclarecer as dúvidas deixadas pelos alunos.

No segundo encontro, foram apresentados os resultados obtidos do questionário, mostrando o percentual de resposta SIM e NÃO de cada questão. Esse resultado foi apresentado em forma de slide, de uma maneira dinâmica para que houvesse participação dos alunos. No decorrer da apresentação, foi realizado simultaneamente a explicação de cada pergunta exibida, mostrando os equívocos dos alunos e esclarecendo os temas abordados (prevenção do HIV/AIDS, contaminação, tratamento, etc.).

Em seguida, foram exibidas as outras perguntas realizadas pelos alunos não discutidas anteriormente, onde foram explicadas, de modo que todas as dúvidas sejam esclarecidas. Por fim, foi distribuído aos alunos panfletos da Secretaria de Saúde que tem como tema HIV/AIDS e preservativos.

4.5.5 Análises dos Dados

A distribuição e análise dos resultados foi determinada por contagem direta, a partir dos dados organizados em planilhas do Excell (Microsoft Office® 2016). Em seguida foram gerados gráficos para as perguntas correspondentes, sendo extraídas as respectivas porcentagens.

5 RESULTADOS

A pesquisa foi realizada com 38 alunos do 3° ano do Ensino Médio da escola estadual Madre Lucila Magalhães, onde todos alunos presentes aceitaram participar do projeto (Figura 1). A média de idade entre todos os indivíduos participantes foi de 17,89 anos. Quando estratificados por sexo, 17 alunos foram do sexo masculino, tendo uma média de idade de 18,29 anos e 21 indivíduos foram do sexo feminino, apresentando uma média de 17,89 anos.

Foi explicado em sala aos alunos que se tratava de um questionário anônimo em sua totalidade, sendo isento de quaisquer liberações a outros fins que não está pesquisa. O questionário foi constituído de duas partes: a primeira continha questões referentes a dados pessoais dos alunos e a segunda, formada por questões de múltipla escolha, referente a conhecimentos gerais sobre IST.

Figura 1. Ações Didáticas na Escola.



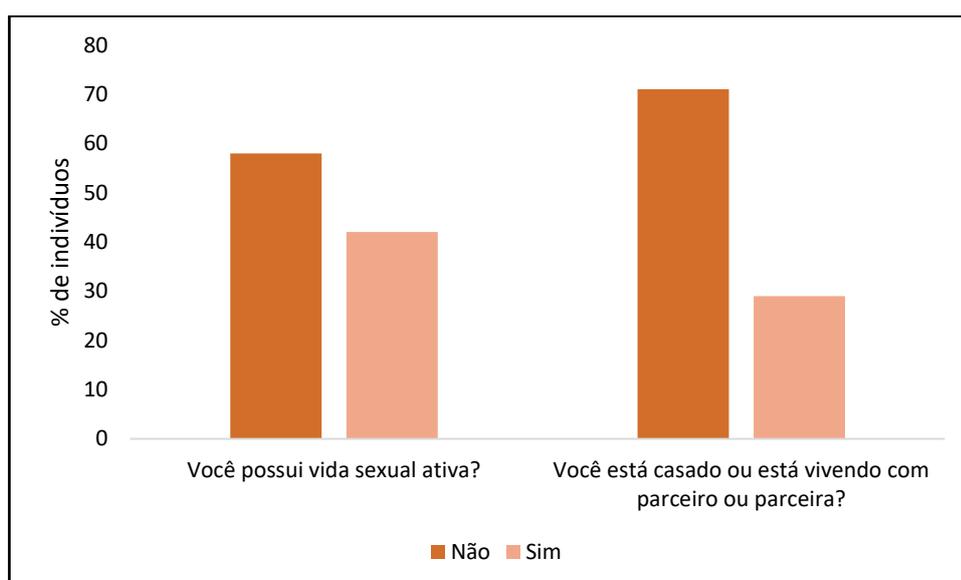
5.1 INFORMAÇÕES PESSOAIS DOS ALUNOS

A primeira pergunta foi referente a presença ou ausência de diálogo no ambiente familiar dos mesmos. Como resultado, foi obtido que 63% dos alunos não tem abertura para conversar sobre sexualidade com os pais ou responsáveis, enquanto 37% dos alunos responderam que existia esse diálogo no seu ambiente familiar.

Além do ambiente familiar, o ambiente escolar influencia consideravelmente na vida sexual dos adolescentes, sendo este um ambiente bastante propício à estimulação de discussões sobre o tema. Os dados obtidos mostram que dos 38 alunos, apenas 9 (24%) informaram não ter tido aulas referente a educação sexual.

O início da vida sexual durante a adolescência vem sendo cada vez mais precoce, sendo preocupante, tendo em vista que diversas vezes esses indivíduos não possuem informações sobre IST e outros aspectos que tangem este processo. Quando questionados possuir ou não vida sexual ativa, 16 indivíduos (42%) responderam que sim, possuem vida sexual ativa. Dos alunos que responderam SIM à essa questão, 6 são do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Quando questionados sobre possuir parceiro (a) ou não, alguns indivíduos sem parceiros já possuíam vida sexual ativa, como mostrado no gráfico 1.

Gráfico 1. Informações sobre a vida sexual dos adolescentes.



Fonte: LIRA, J. D., 2019.

Quando questionados quanto ao uso de preservativo durante a última relação sexual, 6 indivíduos dos 16 com vida sexual ativa (3 do sexo masculino e 3 do sexo

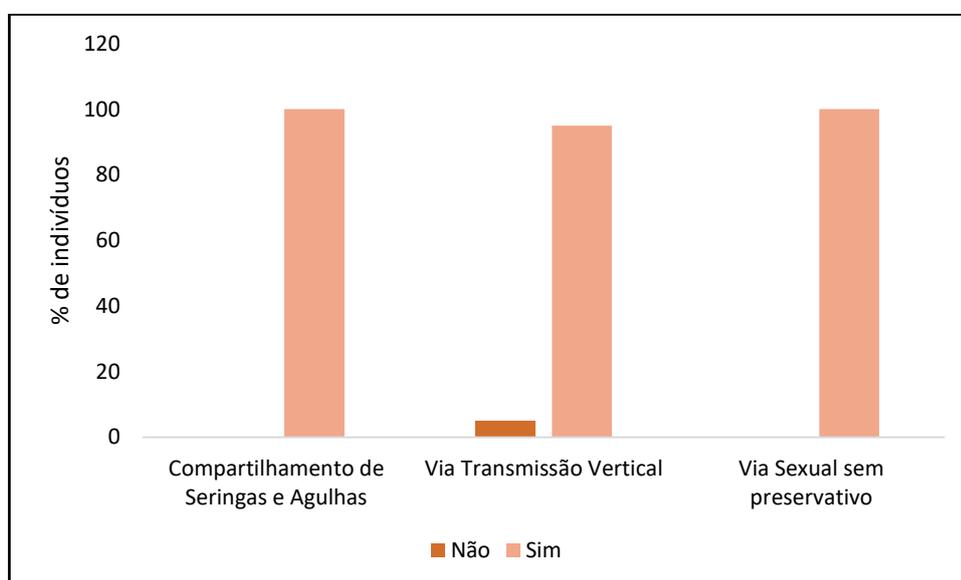
feminino) afirmaram não ter utilizado, dado que ainda chama bastante atenção ao risco da temática nos dias atuais.

Ainda em relação ao uso de preservativo, os alunos foram questionados sobre a não aceitação do (a) parceiro (a) de se prevenir. Podemos analisar que 18% dos alunos responderam que devemos respeitar a vontade do parceiro e não utilizar o preservativo, e esse é um fator bastante preocupante.

5.2 CONHECIMENTOS GERAIS SOBRE HIV/AIDS

Apesar de ainda existirem muitas dúvidas no cotidiano sobre questões envolvendo as IST, sobretudo o contexto HIV/AIDS, os adolescentes apresentaram conhecimento sobre algumas perguntas realizadas no questionário, o que foi bastante satisfatório. Analisando os dados referentes as formas de infecção do vírus (gráfico 2), notamos que a maioria expressiva dos alunos mostraram conhecimento em relação a contaminação por vias triviais, como a transmissão vertical, o compartilhamento de seringas e agulhas e a infecção por via sexual.

Gráfico 2. Vias de Contaminação.

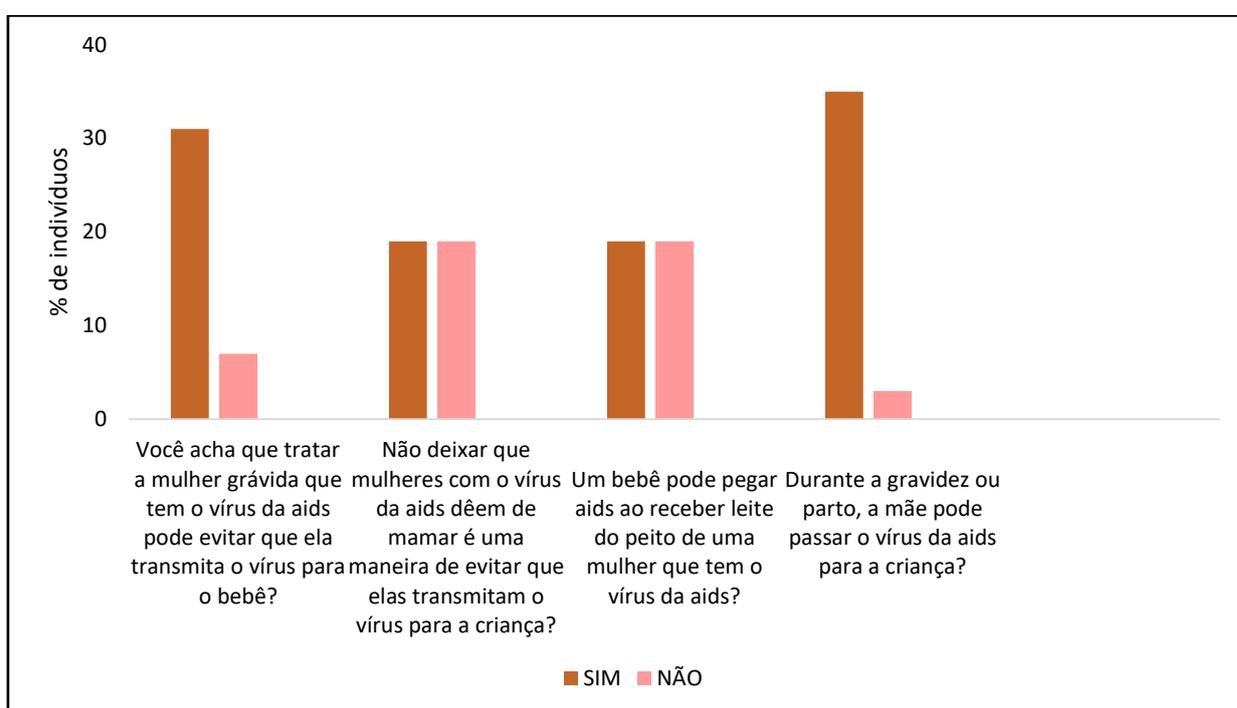


Fonte: LIRA, J. D., 2019.

Especificamente no contexto da transmissão vertical (Gráfico 3), quando perguntados se realizando o tratamento de uma mulher portadora do vírus é possível que o bebê nasça saudável, 7 dos alunos (18%) informaram que não existia tratamento para isso, enquanto 31 (82%) informaram que o bebê pode nascer

saudável. Quando perguntado aos alunos sobre a amamentação, observamos que 50% dos alunos apontam que não é possível passar o vírus para o bebê através do aleitamento, possivelmente pelo fato de que eles acreditam que o vírus só está presente no sangue. Os alunos foram questionados também se durante a gravidez a mãe poderia transmitir o vírus para o bebê, como resultado foi obtido que 36 alunos informaram que não.

Gráfico 3. Via de Transmissão Vertical.



Fonte: LIRA, J. D., 2019.

Seguindo este mesmo raciocínio, acompanhando as questões feitas pelos alunos e colocadas na caixa, uma das perguntas mais escritas foi exatamente em relação a amamentação, como um estudante escreveu: “*Se uma mãe portadora do vírus amamentar o bebê, ele pode ser contaminado?*”.

Quando questionados sobre a contaminação do HIV/AIDS através do sexo oral, o percentual de alunos que responderam que era possível a contaminação foi de 79%, enquanto 21% acredita que não ocorre contaminação do HIV/AIDS através do sexo oral, sendo, apesar da porcentagem, um potencial fator de confusão.

Em seguida foi perguntado sobre a preparação dos meios de comunicação social se os mesmos oferecem informações suficientes sobre o HIV/AIDS, onde 55%

dos alunos afirmaram estar satisfeitos quanto as informações divulgadas na mídia, enquanto 45% informaram que não.

Corroborando com os dados acima apresentados, um dos pontos bem preocupantes é o fato da não utilização do uso de preservativos, que se trata de um dos meios de transmissão mais frequente. Foi realizada a seguinte pergunta aos alunos: “Se o nosso(a) parceiro(a) não quiser usar o preservativo, devemos respeitar essa vontade e ter relações sexuais sem o preservativo?” Como resultado foi obtido que 82% dos alunos responderam que não devemos aceitar esse tipo de situação, porém 18% dos alunos, mesmo cientes dos riscos, responderam que devemos aceitar e manter as relações sem preservativos e apenas 1 aluno respondeu: *“Depende muito da situação”*. Dentre os alunos que responderam SIM, a maioria foi do sexo feminino.

Ainda nesse contexto, posteriormente os alunos foram questionados se ter apenas um parceiro sexual significaria dizer que não correria o risco de contrair o HIV/AIDS, os mesmos alunos que responderam SIM para a questão anterior responderam igualmente para esta.

A questão da diferença entre HIV e AIDS foi a dúvida mais frequente entre os alunos, sendo a pergunta mais questionada dentre as depositadas na caixa. Quando perguntados sobre a diferença no questionário, 55% disse que existia uma diferença e os 45% informaram que não haveria diferença entre as duas, corroborando com o que foi encontrado na caixa. Foi questionado para os mesmos qual seria essa diferença, tendo como resultado respostas como: *“um é o vírus e o outro é a doença”*; *“um se pega e a outra não”*; *“o HIV tem cura e a AIDS não tem”*.

Já sobre a cura do HIV/AIDS 71% falou que não existia cura e 29% informou que existe cura para o HIV/AIDS. Além disso, também foram deixadas perguntas relacionadas a cura, onde um aluno escreveu: *“Existiu algum caso de cura do HIV?”*. Além disso um dos alunos questionou sobre o TARV, onde o mesmo perguntou: *“O coquetel ajuda no tratamento de quem é soro positivo?”*.

6 DISCUSSÃO

O questionário aplicado inicialmente foi referente a algumas questões pessoais dos alunos, diante disso foi questionado sobre a presença ou ausência de diálogo no ambiente familiar dos mesmos. O estudo mostrou que 63% dos alunos não tem abertura para conversar sobre sexualidade com os pais. Este é um ponto que se torna bastante importante e preocupante, pois apesar de estarmos em pleno século XXI, ainda existe dificuldade e um bloqueio dos pais de dialogarem com os filhos sobre assuntos importantes do crescimento dos mesmos. Concordando com Barreira *et al.* (2015), essa dificuldade pode existir devido a diversos fatores, entres eles o cultural e religioso, uma vez que os mesmos podem nos mostrar como os membros de uma família se relacionam e até mesmo se influenciam.

Além disso, o fato de como o tema foi apresentado para os pais acaba influenciando também na maneira em como os mesmos vão tratar sobre o assunto com os filhos ou até mesmo deixar de dialogar sobre ele, pois muitas vezes os próprios pais não tiveram esse diálogo na adolescência, o que acaba aumentando essa dificuldade (SILVA CASTRO, 2018). Assim como Camargo e Bertoldo (2006) defendem que as informações sobre sexualidade, bem como a transmissão do HIV/AIDS, estão ligadas além dos aspectos culturais, também aos aspectos afetivos e comportamentais desses indivíduos.

Estudo mostra que muitos pais sentem dificuldade de tratar com os adolescentes sobre o tema sexualidade, desse modo acabam transferindo essa responsabilidade para o ambiente escolar (TAVARES, 2015). Agleton (2000), vem dizendo que a escola carrega a responsabilidade de abordar temas como HIV/AIDS na sala de aula. E apesar do tema Educação Sexual ainda ser bastante temido pelos professores, devido à falta de formação docente ou até mesmo a dificuldade pessoal dos mesmos, na pesquisa foi visto que muitos professores que lecionaram para os adolescentes trabalharam o tema educação sexual na sala de aula. Isso se dá devido a criação de temas transversais, que entre eles temos a Orientação Sexual, contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A inclusão de temas transversais foi bastante importante, pois tendo em vista o grande número de adolescentes grávidas, bem como o risco de contaminação com HIV/AIDS ou outras IST, a partir dele o tema sexualidade passou a ser mais debatido em sala de aula com o intuito de melhoria da educação sexual e conseqüentemente a redução de

casos de gravidez e IST no Brasil (ASSUNÇÃO; TEIXEIRA 2000; FAVA, 2004; LIRA, 2009; VIANNA, 2012).

De acordo com estudos, o trabalho realizado com os adolescentes na sala de aula deve ser um trabalho contínuo, ou por um tempo efetivo, onde os alunos possam levar suas dúvidas para sala de aula e esclarece-las, adquirindo assim conhecimento frente ao assunto. Além disso, é interessante que o tema seja abordado por alguém em quem os adolescentes tenham confiança, uma vez que eles iram se sentir mais à vontade para tratar sobre determinados assuntos (RESSEL; GUALDA, 2003; MOIZÉS; BUENO, 2009).

Sobre a vida sexual dos adolescentes, 42% deles responderam apresentar uma vida sexual ativa. Ribeiro (2015) mostrou nos seus estudos que a faixa etária que os indivíduos estão iniciando sua vida sexual ativa é entre 12 a 14 anos. Oliveira (2013), traz que as informações em relação a infecção de IST e gravidez na adolescência devem ser discutidas cedo, uma vez que os alunos estão iniciando sua vida sexual cada vez mais precocemente. É defendido ainda que na fase da adolescência os indivíduos estão se conhecendo e buscando prazer, porém[muitas vezes eles estão iniciando essa vida sem orientação e carregando consigo pensamentos errôneos sobre o tema, o que acaba tornando-os alvo fácil para contaminação das IST (KOERICH, 2010; COSTA *et al.* 2013).

A autoconfiança e a autoridade que a fase da adolescência marca traz consigo algumas preocupações, pois os adolescentes são muito impulsivos e acabam tomando decisões erradas que podem prejudicar sua vida posteriormente, uma vez que os tornam mais vulneráveis as IST. Alguns fatores influenciam nessa vulnerabilidade, dentre eles a impulsividade e o mais importante que é a falta de informação (RIBEIRO, 2015).

É sabido que o uso do preservativo é de extrema importância para se prevenir contra ISbnnT. Apesar disso, 6 alunos responderam não ter utilizado preservativos na sua última relação. Levando em consideração essa informação, se faz necessário a conscientização dos adolescentes em relação a sua saúde, onde os professores devem ajuda-los a construir um pensamento crítico frente a importância da prevenção e ao cuidado com sua saúde (SANTOS, *et al.*, 2017). De acordo com o estudo de Souza (2018), muitos adolescentes se negam a utilização do preservativo, pois eles alegam que o uso do mesmo reduz o nível do prazer sentido no ato sexual.

Ainda se tratando de prevenção, 18% dos alunos responderam no questionário que devemos aceitar quando o (a) parceiro (a) se negar a utilizar o preservativo, dentre eles a maioria foi do sexo feminino. Isso pode se dá devido a cultura Brasileira que ainda carrega consigo um modelo machista, onde o homem tem o poder de decidir algumas questões, o que acaba tornando muitas mulheres submissas a aceitar determinadas situações para corresponder aos desejos masculinos (SOUZA, 2018). Ainda nesse aspecto, estudos mostram que atualmente, mais de 18 milhões de mulheres com idades entre 15 e 24 anos, convivem com o HIV, os dados ainda demonstram que em torno de 7.000 mulheres são infectadas semanalmente, chamando a atenção para os aspectos observados na nossa pesquisa (UNAIDS, 2018).

Os dados obtidos na pesquisa em relação a transmissão do vírus HIV, em partes, foram bastante satisfatórios, porém muitos alunos ainda sentem dificuldade em compreender o que de fato pode levá-lo a se contaminar com HIV/AIDS. Quando questionados sobre a transmissão através do sexo oral, 21% dos alunos informaram que não era possível a transmissão. Souza (2018), mostra no seu estudo que os adolescentes ainda desconhecem os principais meios de transmissão do vírus HIV, onde muitos não apresentam um conhecimento coerente de que a transmissão também pode se dá através do sexo oral, corroborando com o observado em nosso estudo.

Sabemos que a transmissão do vírus HIV/AIDS se dá através de sangue contaminado com o vírus, via sexual e através da via vertical de mãe para filho durante a gestação, parto ou na amamentação (SILVA *et al.*, 2016). Porém, quando questionados sobre a transmissão do vírus HIV/AIDS através da amamentação, 50% dos alunos responderam que não era possível acontecer a transmissão por essa via. Além disso 18% dos alunos acreditam que não existe possibilidade de o bebê nascer saudável, caso a mãe seja portadora do vírus. Com o avanço farmacológico foi possível produzir o TARV, o que ajudou na redução de mortalidade causadas por HIV/AIDS. Além disso houve um declínio do índice de transmissão do HIV/AIDS através da transmissão vertical, onde a gestante deve ser acompanhada durante toda a gravidez para realizar o tratamento, porém muitas vezes isso não acontece. Por esse motivo, a transmissão vertical reflete a principal causa de infecções pediátricas por HIV/AIDS (PADOIN *et al.*, 2010; FONG, 2013; OLIVEIRA 2017). Piegas *et al.*, (2017), realizou um estudo com mulheres cadastradas no Serviço de

Atendimento Especializado (SAE) no Município de Uruguaiana/RS, que mostrou que cerca de 40% das gestantes contaminadas com HIV/AIDS não comparecem com frequência para realização do tratamento e exames.

Segundo o Ministério da Saúde do Brasil, hoje é possível evitar que a mãe contamine o bebê, uma vez que ela pode ser diagnosticada e realizar o tratamento com o TARV durante a gestação, podendo alcançar a chance de 99,9% de não contaminar a criança. Ainda segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), o aleitamento materno é responsável por 14% dos casos de transmissão vertical, e vale ressaltar que o tratamento que a mãe recebe durante a gestação não a impede de contaminar o bebê através da amamentação.

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) realizou uma pesquisa, a qual mostrou que houve uma queda na contaminação do bebê pelo HIV/AIDS na América Latina e Caribe, entre os anos de 2010 e 2017. A diminuição de contaminação é devido a prevenção da transmissão vertical, uma vez que essas mães estão realizando o TARV nessas regiões. Durante o período de pesquisa foi visto que em 2017 houve um aumento de 73% nos casos de gestantes que buscaram acesso ao tratamento (UNAIDS, 2018).

Dentre as questões realizadas, uma delas falava sobre a utilização da mídia para divulgação de informações sobre HIV/AIDS, e 55% dos alunos afirmaram estar satisfeitos quanto as informações divulgadas na mídia. O uso da internet hoje é frequente por todos os indivíduos, sabemos que existe uma facilidade a busca de informação no mesmo, porém essas informações nem sempre estão corretas (MONTEIRO, 2005). Foi realizada uma pesquisa no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual mostrou que 64,7% dos indivíduos acima de 10 anos de idade fazem uso da internet. O trabalho realizado por Lopes (2018), mostrou que mais de 80% dos adolescentes, utilizam os meios de internet e até mesmo a TV para se informar sobre as IST.

Especificamente se tratando da diferença de HIV e AIDS, muitos alunos apontaram que existe uma diferença entre os mesmos, porém quando questionados sobre a diferença alguns não sabiam explicar. O HIV se trata do vírus que pode levar ao que pode ser considerado doença, que é a AIDS. Porém uma vez que o indivíduo é contaminado o vírus não consegue ser eliminado do corpo humano, desse modo a pessoa infectada com o vírus HIV permanecerá com o mesmo pelo longo da sua vida. Apesar de não ter cura, existe o tratamento com a TARV que evita que os

organismos desenvolvam para o estágio da AIDS (UNAIDS, 2017). Thiengo e Oliveira (2005), mostraram em um estudo que os adolescentes acreditam na ideia de que existem dois estágios de vida de uma pessoa infectada com HIV, um que corresponde a “vida”, relacionado a infecção com HIV, e o outro que é marcado pela “morte”, relacionado a patologia AIDS.

A proposta de ações no ambiente escolar é bastante satisfatória, uma vez que ajuda na sensibilização dos adolescentes para mudanças de comportamento. Porém, vale salientar que para conseguir alguns resultados de aprendizado dos alunos é preciso mostrar confiança para os adolescentes, além de usar palavras de fácil compreensão para os mesmos. Debater em sala de aula sobre modos de prevenção, transmissão e tratamento do HIV/AIDS com os alunos é bastante importante, pois a partir disso pode-se contribuir para a redução dos riscos de contaminação dos adolescentes pelo HIV/AIDS (ANTUNESA *et al.*, 2002; CAMARGO; FERRARI, 2009).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- De acordo com os resultados obtidos nessa pesquisa, conclui-se que a maioria dos alunos apresentaram ter um bom conhecimento frente ao tema HIV/AIDS, apesar de alguns alunos ainda mostrarem que não dominam o assunto;

- Sabemos que os adolescentes se encontram na faixa etária mais vulnerável à infecção pelo HIV atualmente, desse modo se fez necessário o diálogo para esclarecer as dúvidas que os mesmos apresentaram. Foi notado na pesquisa que muitos adolescentes não conheciam a transmissão do vírus HIV/AIDS através da amamentação, bem como não compreendiam a diferença entre o HIV e AIDS;

- Se tratando das formas de contaminação, a pesquisa mostrou que os adolescentes fazem conhecimento sobre diversas formas de contaminação, porém quando se tratado da contaminação através de sexo oral, alguns adolescentes se mostraram confusos sobre o mesmo, bem como, a contaminação vertical;

- Foi analisado que alguns adolescentes não fazem o uso do preservativo durante as relações sexuais, apesar dos mesmos terem conhecimento sobre a contaminação do HIV/AIDS, bem como outras IST, através da relação sexual sem segurança;

- No entanto, o fator que deixou a desejar foi a falta de diálogo entre os pais e filhos no ambiente familiar. A adolescência é uma fase marcada por diversas mudanças e para esclarecer todas as dúvidas existentes, os adolescentes necessitam dessa abertura para se sentirem a vontade e irem buscar informações com pessoas do seu convívio e em quem possam confiar;

- O contexto escolar é um ambiente perfeito para se debater temas como HIV/AIDS e sexualidade. Assim, a gestão escolar junto com os demais profissionais pode e deve realizar ações as quais envolvam alunos, pais e demais profissionais para debater sobre assunto como esse que é tão importante para vida pessoal e acadêmica dos alunos;

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos : implicações para a enfermagem. **Acta Paul Enfermagem**, Toledo - PR, v. 22, n. 1, p. 71–76, 2009.
- AGLETON, P. Educando sobre AIDS: uma perspectiva global. *In*: PINTO, Teresinha; TELLES, Izabel da Silva (Orgs.). **AIDS e escola**. Reflexões e propostas do EDUCAIDS. 2. ed. São Paulo: Cortez; Pernambuco: UNICEF. 2000 Cap. 3, p. 115-156.
- ALBUQUERQUE, V. S.; VIDAL, R. F. C. Vivências e significados da AIDS para um grupo de homossexuais masculinos. **J Bras Aids**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 1-44, 2005.
- ANTUNESA, M.C.; PERESA, C. A.; PAIVAA, V.; STALLB, R.; HEARSTB, N. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. **Rev Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 88- 95, 2002.
- ASSUNÇÃO, M.; TEIXEIRA, A. Relações de gênero: em sintonia com os PCNs. **Amae Educando**, Belo Horizonte, v. 33, n. 295, p.4 1-45, out. 2000.
- BARREIRA, I.M.B., RODRIGUES, V.M.C.P., ATUNES, M.C.Q., Cultura organizacional da família como preditor das atitudes e comportamentos sexuais em adolescentes. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. 4, n. 6, p. 17-25, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: prevenção das DST, HIV e Aids**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 61 p. (Saúde e prevenção nas escolas, v. 4) (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. São Paulo: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 1998. p. 285-336.
- CAMARGO, B.V.; BOTELHO, L.J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. **Rev Saúde Pública**, Florianópolis - SC, v. 41, n.1, p. 8-61, 2007.
- CAMARGO, I.; FERRARI, A. P. Adolescentes : conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937–946, 2009.
- CAMPOS, M. O.; GIATTI L.; MALTA D.; BARRETO S. M. Contextual factors associated with sexual behavior among Brazilian adolescents. **Annals of Epidemiology**., Amsterdã, v. 23, n. 10, p. 629-635, Out. 2013.

COSTA, A.C.P. J.; LINS, A. G.; ARAÚJO, M. F. M.; ARAÚJO, T. M.; GUBERT, F. A.; VIEIRA, N. F. C. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz – maranhão. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v.34, n. 3, p. 179-186, Abril/ago, 2013.

CROZETA, M.; AUGUSTO, A.; LAGO, S. **Biologia Ensino Médio**. São Paulo: IBEP. 2005. (Coleção Vitória Régia).

CRUZ, E. F. Crianças , jovens e suas famílias nas esquadrias da epidemia do HIV / AIDS. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 21–32, 2015.

BRASIL. Ministério de Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **É possível evitar em mais de 99% a transmissão do vírus da gestante para o bebê, a transmissão vertical, caso o diagnóstico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

DERESZ, L. F.; LAZZAROTTO, A. R.; MANFROI, W. C.; GAYA, A.; SPRINZ, E.; OIVEIRA, A. R.; DALL’AGO, P. O estresse oxidativo e o exercício físico em indivíduos HIV positivo. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói, v.13, n. 4, p. 275-279, July/Aug. 2007.

DIAS, F.L.A.; SILVA, K. L.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. C.; MAIA, C. C. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Revista Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 456-461, jul./set. 2010.

DISCACCIATI, J.A.C.; VILAÇA, E.L. Atendimento odontológico ao portador do HIV: medo, preconceito e ética profissional. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v. 9, n. 4, p. 234- 239, 2001.

DOURADO, L. F. Políticas e Gestão da Educação superior a distância: Novos marcos regulatórios ?. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104 – Esp., p. 891-917, out. 2008.

SILVA, M. M. L.; FRUTUOZO, J. F. F.; FEIJÓ, M. R.; VALERIO, N. I. Família e Orientação Sexual: Dificuldades na Aceitação da Homossexualidade Masculina. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, p. 677–692, 2015.

FAVA, C. **Sexualidade como tema transversal nas escolas: da teoria à prática**. 2004. 85. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFSC, Florianópolis, 2004.

GONÇALVES, R.C.; SANTOS, K.F.G.; MALAFAIA, G.; MENEZES, I.P.P. Família e escola no processo de educação sexual: a concepção dos adolescentes de uma escola pública estadual (Pires do Rio, Goiás). **Multi-Science**, Goiânia, V. 1, n. 5, p. 87-101, 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Brasília: INEP, [2019]. Disponível em: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/26094878>. Acesso em: 28 Maio 2019.

KRABBE, E. C.; BRUM, M. D.; CAPELETTI, C. P.; COSTA, T. S.; MELLO, M. L.; VIEIRA, P. R.; CARVALHO, T. G. M. L. Escola, Sexualidade, Práticas sexuais e Vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Tupanciretã-RS, v. 4, n. 1, p. 75-84, 2016.

KOERICH, M.S.; BAGGIO, M.A.; BACKES, M.T.S.; STEIN, D.; CARVALHO, J. N.; MEIRELLES, B. H. S.; ERDMANN, A. L. Doenças Sexualmente Transmissíveis e Contracepção: atuação da enfermagem com jovens de periferia. **Revista Enfermagem. UERJ**, Rio de Janeiro, n.18, v.02, p. 265-271, abri/jun 2010.

LIRA, A. **O tema transversal “orientação sexual” nos PCN e atitude dos professores: convergentes ou divergentes?** Dissertação (Mestrado) – UFRPe, Recife, 2009.

LOPES, M. L. S. **O Biomédico na promoção da Saúde e no desenvolvimento de ações educativas no combate ao preconceito contra o HIV/AIDS.** 2018. 62. TCC (Bacharelado em Biomedicina) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MARTINEZ, M. C. W. **Adolescência, sexualidade e AIDS.** Na família e no espaço escolar contemporâneos. São Paulo: Arte & Ciência. 1998,

MENDES, J.R.B.; OLIVEIRA, F.J.G.R.; BRITO, H.F.; ANDREATTA, M.F.S.; FILIPONI, T.C.; OLIVEIRA, C.H. Estudo da Prevalência da co - infecção HIV/HCV no município de Bragança Paulista - SP no período de 1992 a 2004. **J Bras Aids.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-48,2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Recomendações para profilaxia da transmissão vertical do HIV e terapia anti-retroviral em gestantes.** Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

MOIZES J.S.; BUENO S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 12-205, 2010.

MONTEIRO, R. L. M.; MONTEIRO, D. M. A mídia na informação sobre saúde sexual. **Adolesc Saude**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 17–28, 2005.

NOTHAFT, S.C.; ZANATTA, E.A.; BRUMM, M.L.; GALLI, K.S.; ERDTMANN, B.K.; BUSS, E.; SILVA, P.R. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Rev Min Enferm.**, Minas Gerais, v. 18, n. 2, p. 9-284, 2014.

PADOIN S.M.M.; SOUZA I.E.O.; PAULA C.C. Cotidianidade da mulher que tem HIV/aids: modo de ser diante da (im)possibilidade de amamentar. **Rev. gauch. Enferm**, Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 77-83, 2010.

PEREIRA, J.A.; MARQUES, R.H.; FONSECA, L.V.L.; ELEUTÉRIO, A.M.; BONFIM, M.L.C. Infecção pelo HIV e AIDS em município do Norte de Minas Gerais. **Rev. APS**, Monte Carlos, v. 14, n.1, p. 39-49, 2011.

PIEGAS, E. M.; BITTENCOUT, R. A.; HAAS, S. E.; VASCONCELLOS, M.; AMBRÓS, E. Perfil Socioeconômico de Gestantes vivendo com HIV no SAE em IST/AIDS do Município de Uruguaiana-RS. **Iniciação Científica, Pesquisa. Apresentação Pôster**, Santana, v.9, n.4, p.90-95, 2017.

QUEIRÓS, P.S., Pires, L.M., Matos, M.A., Junqueira, A, L, N., Souza, de, M.M., Concepções de pais de adolescentes escolares sobre a sexualidade de seus filhos. **Rev. Rene**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 293-300, 2015.

RESSEL L. B.; GUALDA M. R. A Sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 7-82, 2003.

RIBEIRO, L.V. **Saúde sexual de adolescentes institucionalizadas**: contribuições da enfermagem na perspectiva da Teoria do Modelo de Promoção da Saúde de Nola Pender. 2015. 200 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, D. S.; SANTOS, F. P.; SILVA, J. I. B.; GONZAGA, M. F. G. Sexualidade na Adolescência: Contaminação de IST'S. **Unit**, Tiradentes, v. 1, n.1, p. 9-12, 2017.

SEIDL, E.M.F.; RIBEIRO, T.R.A.; GALINKIN, A.L. Opiniões de jovens universitários sobre pessoas com HIV/AIDS: um estudo exploratório sobre preconceito. **Psico-USF**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 103-112, 2010.

SEMEM, C. J.; CORRER, R.; COSTA, F. M. J.; CARAMACHI, S.; VASCONCELLOS, S. Vulnerabilidade ao HIV em estudantes de ensino médio de uma escola pública no interior de São Paulo. **SALUSVITA**, Bauru, v. 33, n. 1, p. 45-55, 2014.

SILVA, B. C.; CASTRO, R. D. Diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos adolescentes dentro do contexto familiar. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, Maringá, v. 6, n. 2, p. 32-43, 2018.

SMITH, E. R.; MACKIE, D. M. Social Psychology. California: Psychology Press. 200. *In*: SOUZA, T. R. C. **Impacto Psicossocial da AIDS**: enfrentando perdas ressignificando a vida. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 17-21.

SOUZA, F.R.P. **Aspectos dificultadores na prevenção do HIV/AIDS em adolescentes no Brasil**: revisão integrativa. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TAQUETTE, S.R.; VILHENA, M. M. de; PAULA, M. C. de. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba, v. 37, n. 3, p. 210-214, 2004.

THIENGO, M. A.; OLIVEIRA, D. C. DE. Representações sociais do HIV/AIDS entre adolescentes: implicações para os cuidados de enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 68–76, 2005.

VOCÊ sabe o que é HIV e o que é AIDS?. *In*: UNAIDS. [s. l.]: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://unaid.org.br/2017/03/voce-sabe-o-que-e-hiv-e-o-que-e-aids/>. Acesso em: 11/06/2019.

AMÉRICA Latina e Caribe: 30,8 mil bebês nasceram sem HIV entre 2010 e 2017 na região. *In*: UNAIDS. [s. l.]: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://unaid.org.br/2019/05/america-latina-e-caribe-308-mil-bebes-nasceram-sem-hiv-entre-2010-e-2017-na-regiao/>. Acesso em: 11/06/2019.

UNICEF. **Fundação das Nações Unidas pela Infância**. A cada três minutos uma adolescente é infectada pelo vírus HIV. [s. l.]: ONU, [2018]. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/media_38690.html. Acesso em: 05 outubro de 2018.

VIANNA, C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 127-143, maio/ago. 2012.

VERONESI, R.; FOCACCIA, R. **Tratado de infectologia**. São Paulo: Atheneu; 1997.

VONK, A. C. R. P.; BONAN, C.; SILVA, K. S. Sexualidade , reprodução e saúde : experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 18, n. 6, p. 1795–1808, 2013.

WUO, M. **Aids na escola**: os contextos sociais e as representações sociais de estudantes de ensino médio. 2003. 124. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2003.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
DIRETOR DA ESCOLA.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
NÚCLEO DE BIOLOGIA – CAV/UFPE**

**A Gestão da Escola Estadual Madre Lucila Magalhães
Do Mestre José Leandro de Andrade Santos**

Venho por meio deste solicitar o apresentar e solicitar o apoio da Gestão da Escola Estadual Madre Lucila Magalhães, para a participação de Jaqueline Dayane de Lira, aluno do 9º período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Pernambuco, na pesquisa e construção do seu trabalho de conclusão do curso.

A referida aluna é minha orientanda e pretende desenvolver o Projeto de pesquisa intitulado "O papel da educação na percepção dos adolescentes no contexto HIV/AIDS" nesta instituição, junto aos estudantes.

O principal objetivo da pesquisa é promover reflexões e atitudes sobre a educação em saúde e saúde sexual e reprodutiva, como forma de prevenção de DST/AIDS, cuidado com a saúde e atividades lúdicas com a comunidade escolar.

Assim, a participação da aluna terá grande relevância para o projeto e para a formação profissional da estudante.

Vitória de Santo Antão, 09 de Outubro de 2018.

Suely C. de Queiroz
Suely Carolina de Queiroz
Docente
Matrícula 161.953-0
Inscrição OAB nº 12013

Mestre José Leandro de Andrade Santos
SIAPE:
Departamento de Genética - CBA/UFPE

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Este questionário destina-se à realização do trabalho de conclusão de curso intitulado **“O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES NO CONTEXTO DO HIV/AIDS** sob responsabilidade da discente **JAQUELINE DAYANE DE LIRA**, sendo garantido o total anonimato, confidencialidade e proteção dos seus dados.

Se concordar em participar, pedimos-lhe desde já que responda a todos as questões sendo sincero nas suas respostas. Para tal, leia com atenção os seguintes pontos:

- a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza;**
- b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso;**
- c) sua identidade será mantida em sigilo;**
- d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.**

Primeiramente gostaria de saber um pouco sobre você, vamos lá!

Sexo: Masculino [] Feminino []

Idade []

1- Quanto seu ambiente familiar, você tem abertura para dialogar sobre temas relacionados a sexualidade?

() **SIM** () **NÃO**

2- Você já teve alguma aula onde o professor falou sobre Educação sexual ?

() **SIM** () **NÃO**

3- Você está casado ou vivendo com um companheiro ou companheira?

SIM **NÃO**

4- Você tem uma vida sexual ativa?

SIM **NÃO**

5- Você usou camisinha na sua última relação? (Se a resposta anterior foi NÃO, desconsidere essa pergunta)

SIM **NÃO**

Agora iremos responder algumas perguntas relacionadas ao HIV/AIDS.

1- Uma pessoa pode pegar HIV/AIDS por picadas de insetos tipo mosquito, pernilongo ou muriçoca?

SIM, ISSO SE TRATA DE UMA FORMA DE TRANSMISSÃO
 NÃO SE TRANSMITE HIV/AIDS POR PICADAS DE INSETOS

2- Uma pessoa pode se infectar com o vírus da aids se usar a mesma seringa e agulha que outra pessoa usou?

SIM, EXISTE PROBABILIDADE DE ADQUIRIR HIV/AIDS A PARTIR DE AGULHAS COMPARTILHADAS
 NÃO, POIS O VÍRUS NÃO ESTAR PRESENTE NO SANGUE

3- Durante a gravidez ou parto, a mãe pode passar o vírus da aids para a criança?

SIM, POR ISSO É IMPORTANTE TER OS CUIDADOS CORRETOS NA HORA DO PARTO
 NÃO, NUNCA HOVE NENHUM CASO REGISTRADO

4- Você acha que uma pessoa pode pegar aids se usar os mesmos talheres, pratos e copos de alguém que tem aids?

SIM, DEVIDO A PRESENÇA DE VÍRUS NA SALIVA
 NÃO

5- Um bebê pode pegar aids ao receber leite do peito de uma mulher que tem o vírus da aids?

- SIM, A MÃE COM HIV NÃO PODE AMAMENTAR O FILHO**
 NÃO, POIS O VÍRUS SÓ ESTAR PRESENTE NO SANGUE
- 6- Você acha que uma pessoa pode pegar aids se transar sem camisinha?
 SIM, É UMA DAS PRINCIPAIS FORMAS DE TRASSMISSÃO
 NÃO, A CAMISINHA SÓ PROTEGE CONTRA GRAVIDEZ
- 7- Você acha que só transar com pessoas que aparentam ter boa saúde é uma maneira de se proteger do vírus da aids?
 SIM, POIS QUEM TEM HIV/AIDS NÃO APARENTA TER BOA SAÚDE
 NÃO, QUALQUER PESSOA PODE ESTAR CONTAMINADA COM VÍRUS
- 8- Você acha que tomar remédio para não engravidar é uma forma de se proteger do vírus da aids?
 SIM, O ANTICONCEPCIONAL PROTEGE DO HIV
 NÃO, PROTEGE APENAS CONTRA A GRAVIDEZ
- 9- Você acha que tratar a mulher grávida que tem o vírus da aids pode evitar que ela transmita o vírus para o bebê?
 SIM, O BEBÊ PODE NASCER SAÚDAVEL
 NÃO EXISTE TRATAMENTO PARA ISSO
- 10-Não deixar que mulheres com o vírus da aids dêem de mamar é uma maneira de evitar que elas transmitam o vírus para a criança?
 SIM **NÃO**
- 11-Você já fez o exame de HIV/AIDS?
 SIM **NÃO**
- 12-Você se incomodaria de ter um amigo com HIV/AIDS?
 NÃO VEJO NENHUM PROBLEMA NISSO
 SIM. POR QUÊ?
-

13-O HIV/AIDS têm esta designação pelo fato de a sua forma de contágio ser exclusivamente por via sexual?

SIM

NÃO, EXISTE DIVERSAS OUTRAS FORMAS DE CONTAMINAÇÃO

14-É possível transmitir o HIV/AIDS por sexo oral?

SIM **NÃO**

15- Os meios de comunicação social fornecem suficiente informação HIV/AIDS?

SIM **NÃO**

16- Se uma pessoa descobrir que sofre de uma doença sexualmente transmissível, deverá falar sobre isso ao seu parceiro(a) ?

SIM **NÃO**

17- Se o nosso(a) parceiro(a) não quiser usar o preservativo, devemos respeitar essa vontade e ter relações sexuais sem o preservativo?

SIM **NÃO**

18- O HIV/AIDS tem cura?

SIM **NÃO**

19- Existe diferença entre HIV e AIDS? Se sim, que diferença é essa?

SIM **NÃO**

20- Ter apenas um parceiro sexual significa dizer que nunca vou contrair o HIV/AIDS?

SIM **NÃO**